

Beth Brandão: a comunicação em xeque*

Por Ana Lucia Novelli**

A trajetória acadêmica e profissional de Beth Brandão demonstra a inquietude de seu pensamento e seu olhar extremamente crítico sobre o campo da comunicação social. Mercado de trabalho e conhecimento científico somente passam a ter significado se compreendidos como aspectos complementares dos “fazeres” contemporâneos da comunicação. Mestre em Sociologia Política e Doutora em Ciência da Informação, Beth Brandão busca, constantemente, informações em outros campos do saber para alcançar uma maior compreensão dos fenômenos comunicacionais contemporâneos. Conhecer seu pensamento é entrar em contato com o novo e questionar o já estabelecido.

** Texto publicado no livro "Memórias das Ciências da Comunicação no Brasil: os grupos do Centro-Oeste". Organização: José Marques de Melo e Jorge Duarte. Brasília, UniCeub, 2001. P.35-50*

*** Ana Lucia Novelli é Doutora em Ciências da Comunicação, pela ECA/USP. Atua como Relações Públicas no Senado Federal e coordenadora do Curso de Relações Públicas do UniCEUB. Em 1999, recebeu o Prêmio Idéias em Relações Públicas. Em 2000, recebeu o Prêmio Intercom – modalidade relações públicas, de melhor tese de doutorado.*

A trajetória acadêmica e intelectual de Elizabeth Pazito Brandão nos convida a percorrer a inquietude de um pensamento jovem que busca novas respostas, nem sempre convencionais, para o campo da comunicação social no Brasil. Pertencente a uma época em que o normal e esperado era a dedicação exclusiva ao conhecimento acadêmico, Beth Brandão nunca abriu mão de atuar também no mercado de trabalho, seja como jornalista, seja como relações públicas. Esta interface constante é uma das principais características de seu pensamento e produção intelectual. Teoria e prática, dois lados da mesma moeda que forma a ciência da comunicação brasileira.

Beth Brandão graduou-se em Comunicação Social, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1974, tornou-se Mestre em Sociologia Política, pela Universidade Federal de Santa Catarina, em 1989, e Doutora em Ciência da Informação, pela Universidade de Brasília, em 1999. Em uma de suas mais recentes incursões a militância profissional, ocupou o cargo de Presidente do Conselho Regional de Profissionais de Relações Públicas – 6ª Região, 1998-2000. Atualmente, é Coordenadora do Curso de Comunicação Institucional e Relações Públicas, do Instituto de Ensino Superior de Brasília.

Suas colocações polêmicas têm a característica de levantar questões que a maioria gostaria que permanecessem adormecidas. Sem medo de descontentar cientistas, Beth discute a validade do discurso científico para o campo da comunicação, sua estruturação no Brasil e sua prática por acadêmicos e universidades fechados em si mesmos, quase “esotérico”, como afirma de modo descompromissado. Em relação à prática profissional desacredita os órgãos de classe, considerados como estruturas antigas e incapazes de representar o dinamismo da sociedade contemporânea e as exigências do novo profissional de comunicação.

Em compensação, acredita em um novo tipo de ensino para a comunicação brasileira. Um ensino mais ligado à sociedade e suas necessidades. Um aluno mais conectado ao mundo global e um professor mais responsável pela qualidade da relação ensino-aprendizagem. Enfim, o convite a percorrer o pensamento desta intelectual, carioca de nascimento, mas brasiliense por adoção e coração, pode não ser muito confortável para àqueles que já possuem uma idéia cristalizada da comunicação no Brasil, mas, com certeza, será um passaporte para novas descobertas àqueles que, como ela, possuem uma inquietude natural e curiosidade sem fim.

Família, religião e comunicação: o início da descoberta

Logo em 1959, o casal Hilton Brandão e Yvone Pazito Brandão, ambos advogados, mudou-se do Rio de Janeiro para Brasília. Como muitos, chegaram com o sonho de um futuro melhor e interessantes perspectivas de trabalho. A maior preocupação do casal em relação à única filha, Elizabeth Pazito Brandão, era com a sua educação formal. O conhecimento era a maior riqueza de uma pessoa reafirmava o pai. Esta preocupação era tanta que aos cinco anos, antes mesmo de ser alfabetizada, a filha ganhou uma coleção de livros com 15 volumes.

Em seus primeiros anos, a nova Capital Federal não dispunha de muitas opções em termos de escolas e a melhor alternativa apresentada para introduzir a filha no mundo dos estudos foi um colégio religioso, o Colégio Sacré-Coeur de Marie. O primário e ginásio confiados às irmãs, garantiram uma infância e adolescência baseada na ordem, nos dogmas religiosos, na ênfase ao pensamento lógico e na obediência à rígida disciplina escolar.

Esta formação religiosa, de origem francesa, contudo, encontra-se na base da sólida concepção humanista presente nos vários momentos da vida acadêmica e profissional de Elizabeth Brandão. A visão da responsabilidade social da comunicação, a preocupação com a comunicação social e a discussão da ética profissional são alguns temas recorrentes nos seus

trabalhos e que remetem antes às origens da educação cristã, do que ao seu aprendizado acadêmico.

De acordo com a própria Beth Brandão:

“Penso que essa influência é o cerne de todas as outras, é o núcleo que se repete até mesmo na época de rebeldia e da influência do pensamento de esquerda. E aqui um parêntese: acho o pensamento de esquerda na América Latina extremamente influenciado pelos ideais cristãos. O comunismo que se buscava era o paraíso perdido, onde todos seriam iguais, teriam iguais oportunidades e receberiam de acordo com suas necessidades”.

Ao final dos estudos de segundo grau, a rigidez imposta pelo Sacré-Coeur já incomodava o espírito tremendamente questionador de Beth Brandão e a opção foi a mudança para um colégio radicalmente oposto. O Distrito Federal possuía apenas duas escolas com o curso científico: o CIEM e o Elefante Branco, escola pública com fama de permitir maior liberdade aos alunos e flexibilidade de experimentação. A alternativa escolhida foi o Elefante Branco para onde entrou em 1968.

“Os anos de 68 a 70 para o estudante secundário em Brasília, com certeza não foram iguais aos de outras cidades. Só existiam dois colégios: o CIEM, uma experiência pedagógica ligada à UnB, e que praticamente terminou com a invasão da Universidade em 68, e o Elefante Branco que acabou reunindo todos os secundaristas, inclusive os expulsos do CIEM. Estudar no Elefante em 68 significou participar da “ocupação” do colégio por alguns dias (expulsando o diretor), entrar e sair várias vezes sob a mira de metralhadora, fazer greve e, assim como os universitários, achar que podia mudar o Brasil. Anos de rebeldia, com causa e duras conseqüências para alguns colegas. Mas eu ainda era muito nova (tinha 15 anos) e foi um tempo muito mais de aprender o que era a vida de verdade, pós moralismo cristão.”

O ingresso na universidade foi motivo de dúvidas em relação a melhor opção profissional. Beth Brandão, lembra-se que na infância quando indagada sobre sua futura profissão respondia que não sabia bem, mas com que, com certeza, não seria três coisas: médica, jornalista ou professora. O futuro, no entanto, a encaminhou justamente para a área da comunicação e da docência, atividades que desempenha com muito prazer ao contrário do que imaginava anteriormente.

A definição profissional somente ocorreu no momento da inscrição do vestibular para a Universidade de Brasília, com a escolha, ainda incerta, pela Comunicação Social ao invés da Psicologia. Antes mesmo de iniciar as aulas, contudo, a família é transferida para o Rio de Janeiro e o curso é realizado na Escola de Comunicação – ECO - da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

“Os anos na Escola de Comunicação da UFRJ já foram os anos de chumbo, sem muito espaço para nada. Em

compensação, o Rio de Janeiro tinha uma vida cultural invejável e as aulas com vários professores em início de carreira e que seriam os grandes nomes da Comunicação no Brasil: Marcio Tavares d’Amaral, Muniz Sodré, Geir Campos, Liba Beider, Emanuel Carneiro Leão, Luiz Escobar, Marcelo de Ipanema, Francisco Dória. Mas foi um tempo sobretudo dedicado ao mundano, ao cultural e ao artístico, afinal era o Rio de Janeiro. Teatro, Museu de Arte Moderna, cinemas de vanguarda, o Caderno B do JB e o Correio da Manhã, enfim, nada além das coisas que se faz na juventude.”

O Curso de Comunicação da ECO tinha uma linha claramente influenciada pelo pensamento acadêmico europeu, em especial o francês. Com base neste pensamento analisava com seus alunos a realidade nacional, a manipulação e a influência dos meios de comunicação na sociedade, desvendando o campo da comunicação social como tema de estudo e análise. Os anos de faculdade deram os conhecimentos básicos para a compreensão do fenômeno da comunicação na sociedade; mais do que isto, ofereceu a possibilidade de compreensão crítica desta realidade. O olhar acurado de quem compreende a extensão e a responsabilidade das lidas e práticas da comunicação social.

“A UNB era mais pragmática, da linha americana. Dizia-se que a ECO queria formar cientistas sociais e não comunicadores, e que a UNB sim, formava profissionais. Por isso mesmo, a habilitação que escolhi (por conta dos professores que nela estavam, mais do que por gosto profissional) foi a de ‘Comunicação e Editoração’, e assim consta do meu diploma. Era algo como o polivalente, ainda que existissem outras habilitações na faculdade. Pretendia-se formar quadros de professores para o ensino superior de Comunicação.”

A extensão rural e a prática da comunicação social

A concretização dos ideais apreendidos ao longo da vida e a inserção efetiva no mercado de trabalho ocorreram com a contratação pela Emater – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural, vinculada a Secretaria de Agricultura e Abastecimento de Santa Catarina. A atuação na área de comunicação da Empresa, ainda, conhecida por seu antigo nome – Acaresc – se deu, inicialmente, por meio da realização de ações de Assessoria de Imprensa e Relações Públicas para a Presidência. No entanto, logo depois de seu ingresso, estas ações foram incorporadas ao Departamento de Comunicação onde pode realmente exercitar a comunicação no dia-a-dia da extensão rural.

De acordo com Beth Brandão: “Foi na Acaresc que aprendi mesmo a fazer comunicação. O que eles chamavam de “estratégias extensionistas” era na verdade estratégia de comunicação, a base de toda a expansão das organizações extensionistas no Brasil”.

Devido a sua penetração no interior do Estado de Santa Catarina, a Acaresc possuía grande prestígio local e nacional. Sua postura extensionista possibilitava a realização de atividades de comunicação efetiva com o agricultor catarinense e o Departamento de Comunicação era responsável por todas elas: campanhas de conscientização, jornais, boletins,

rádio rural, reportagens, eventos, produção gráfica, entre outras. Todo o conhecimento teórico do Curso de Comunicação Social da ECO pode ser aplicado nestes anos iniciais.

Uma das grandes influências e referências na conceituação de jornalismo responsável de Beth Brandão advém desta fase catarinense de extensão rural. O jornalista gaúcho, Ayrton Kanitz, responsável pela estruturação da área de comunicação da empresa e criador dos primeiros e melhores trabalhos de jornalismo agrícola do sul do país, ensinou com sua prática o fazer jornalismo com responsabilidade e ética, sem o culto ao mercado e aos anunciantes como se vê na grande imprensa nacional. Kanitz representou a aplicação real do jornalismo aprendido nos tempos de faculdade, provando que utopia e realidade nem sempre são incompatíveis.

Reconhecidamente, a prática da extensão rural brasileira, no final dos anos 70, refletia o pensamento de esquerda e a maioria dos veterinários e agrônomos da Acaresc não era diferente. Para eles, o extensionismo é a realização da práxis marxista. Os conceitos de esquerda descobertos na faculdade, consolidaram-se no pensamento de Beth Brandão com a convivência próxima com estes profissionais e suas práticas. Por fazer parte do todo, a comunicação rural da Acaresc, por sua vez, seguia esta mesma inspiração e filosofia.

Em termos teóricos, as principais influências vieram das obras de Paulo Freire e Juan Dias Bordenave. A compreensão da comunicação como instrumento de educação acentuava seu papel junto a extensão rural. A respeito das formas de comunicação mais apropriadas para a verdadeira interação entre o técnico rural e o agricultor, Paulo Freire expressa:

“Daí que as palestras sejam cada vez menos indicadas como método eficiente. Daí que o diálogo problematizador, entre as várias razões que o fazem indispensável, tenha esta mais: a de diminuir a distância entre a expressão significativa do técnico e a percepção dos camponeses em torno do significado. Deste modo, o significado passa a ter a mesma significação para ambos. E isto só se dá na comunicação e na intercomunicação dos sujeitos pensantes a propósito do pensado, e nunca através da extensão do pensado de um sujeito até o outro” (Freire, 1983:68).

Os questionamentos de Freire estavam presentes no cotidiano da atividade profissional e espelhavam a riqueza de possibilidades disponíveis para a atuação no campo da comunicação rural.

Compartilhando os mesmos ideais, Juan Dias Bordenave entende a comunicação rural como uma modalidade de diálogo participativo resultante das transformações ocorridas na filosofia institucional da extensão rural, confirmando sua natureza educativa:

“promover a apoiar as mudanças e transformações que possibilitem ao homem do campo passar de uma situação atual insatisfatória para outra mais condizente com suas necessidades e aspirações de desenvolvimento como pessoa, como membro da sociedade e como produtor rural. De uma tarefa eminentemente produtivista e tecnificadora, a responsabilidade básica do extensionista passa a ser a de capacitar as famílias rurais para a percepção, o equacionamento e a solução de seus problemas de ordem técnica, econômica e social” (Bordenave, 1983: 28).

A comunicação, ainda na compreensão de Bordenave, tem um papel muito maior na sociedade: “vista como expressão ela é a voz da liberdade; vista como relacionamento constitui o plasma vinculador que permite a participação e a solidariedade. Interpretada como *comunhão*, ela representa o caminho natural para o ideal da unidade universal” (Bordenave e Carvalho, 1979: 12).

Sobre a influência teórica desta fase, é preciso destacar a leitura de uma vasta literatura sobre o tema Comunicação e Desenvolvimento que incluía, além de Freire e Bordenave, autores com linhas de pensamentos diversas como Wilbur Schramm, Lucien Pye, Everett Rogers e autores da área de sociologia e economia rural, principalmente os nacionais que tinham uma postura crítica em relação ao modelo desenvolvimentista americano que era adotado na agricultura brasileira. Comentando esta fase, Beth Brandão relembra que: “Nestes anos, fazia-se uma crítica feroz à importação e aplicação dos modelos econômicos desenvolvimentistas, de origem americana, na economia rural brasileira e buscava-se soluções para enfrentar os “pacotes tecnológicos”, a transferência de tecnologia dos países desenvolvidos para os “em desenvolvimento”, para usar o eufemismo da época”.

No início da década de 80, a Universidade Federal de Santa Catarina abre o Curso de Comunicação Social – Jornalismo, reunindo os principais jornalistas do sul do país em sua equipe de professores. Este episódio foi bastante marcante para Beth Brandão, pois embora não fosse professora da Faculdade conviveu intensamente com este grupo e compartilhou com ele muitos sonhos. Entre a equipe de jornalistas estavam Ayrton Kanitz, Moacir Pereira, Luiz Lanzetta, César Valente, Maria Helena Hermosila, Daniel Hertz, Carlos Muller, Adelmo Genro, Eduardo Meditisch, Carmem Rial e Sergio Mattos.

A instalação da faculdade de jornalismo e os encontros freqüentes do grupo de professores deram origem a um movimento oposicionista ao Sindicato dos Jornalistas do Estado, que sempre estivera em mãos de pelegos. Em 1983, o MOS – Movimento de Oposição Sindical teve um papel de destaque junto aos profissionais e estudantes do Estado e adotou posições contrárias aos interesses dos proprietários dos veículos de comunicação. Beth Brandão fez parte de sua primeira executiva. A primeira eleição para o Sindicato disputada pelos integrantes do MOS foi perdida, no entanto já na segunda tentativa o Sindicato dos Jornalistas do Estado de Santa Catarina passou a ser controlado pelos professores da Universidade Federal e assim permanece até hoje.

O envolvimento formal com o MOS rendeu a demissão de Beth Brandão da Secretaria de Agricultura e do Abastecimento do Estado, onde atuava como assessora de comunicação, responsável pela elaboração do planejamento e coordenação das ações de comunicação das empresas vinculadas à Secretaria.

A saída da Secretaria de Agricultura marca o final de uma etapa importante na consolidação do pensamento de Beth Brandão sobre a comunicação e sua inserção na realidade social brasileira. O contato com os agricultores, tanto no período da Acaresc, atuando na extensão rural, quanto da Secretaria de Agricultura, revelou um novo país e seu povo sofrido e humilde. A comunicação social, neste cenário, é entendida como um verdadeiro instrumento de promoção social e educação. Embora tenha sido um período em que a atividade prática tenha se sobreposto à reflexão teórica, as experiências e conhecimentos adquiridos neste período foram decisivos para seu futuro acadêmico. Os saberes, desta fase, foram saberes do empirismo, da vivência e da lida diária com o povo simples da roça, do companherismo e compartilhamento de ideais com os colegas da extensão rural e do jornalismo. São os saberes adquiridos por alguém que não tem medo de descobrir novas interpretações para o mundo em que vive e, mais do que isso, descobrir o seu papel neste mundo.

O retorno ao pensamento acadêmico e a ciência

O ingresso no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina, marcou a volta de Beth Brandão a vida acadêmica e direcionou seu olhar para as descobertas e verdades da ciência. A realização do Mestrado em outra área de conhecimento foi importante para um novo modo de encarar os fenômenos da comunicação na sociedade possibilitando uma compreensão mais ampla da própria Ciência da Comunicação.

De acordo com Beth Brandão: “Na verdade, só posso falar em ‘pensamento científico’ a partir do Mestrado quando passei a lidar, a trabalhar e a utilizar o discurso da ciência. É uma nova fase de pensamento que considero mais consciente, mais substancial”. Os questionamentos desta fase contaram com a influência significativa do economista, Rabah Benakouche, orientador de sua dissertação, “*Processo Decisório de Inovação numa Área Estratégica: o Código Nacional de Telecomunicações*”. O professor Rabah sempre teve um pensamento marcadamente crítico em relação a ciência e a realidade social. Este pensamento identificou-se com as colocações de Bruno Latour durante a realização de seu pós-doutorado, na França, época em que orientou o trabalho de Beth Brandão.

A postura crítica de Rabah Benakouche vai influenciar marcadamente o pensamento de Beth Brandão durante o mestrado e com reflexos em toda a sua produção intelectual posterior. Este posicionamento foi complementado pelos conceitos e discussões do sociólogo francês, Pierre Bourdieu, autor preferido do professor Rabah Benakouche e de Beth Brandão. Os textos e livros de Bourdieu, demonstram seu inquietante questionamento à aura de objetividade e imparcialidade do pensamento científico. “O universo “puro” da mais “pura” ciência é um campo social como outro qualquer, com suas relações de força e monopólios, suas lutas e estratégias, seus interesses e lucros, mas onde todas estas *invariantes* revestem formas específicas” (Bourdieu, 1983, 122).

No período do mestrado, a apreensão dos códigos e discursos da ciência foram acompanhados, de maneira muito próxima, da própria crítica e desmistificação destes mesmo códigos. A suspeita constante em relação às verdades estabelecidas e aos grandes cenários apresentados, discutidos e estudados a exaustão nesta fase, tornaram-se uma das principais características do pensamento de Beth Brandão e pode ser identificado na maioria de seus trabalhos.

A dissertação de mestrado é um exemplo concreto da aplicação deste modo particular de olhar e fazer ciência. Ao se decidir pela análise histórica da aprovação do Código Brasileiro de Telecomunicações, a antiga linha de estudos, Comunicação e Desenvolvimento, é substituída por uma área nova e, ainda na década de 80, repleta de incertezas - Tecnologias da Comunicação.

O desafio da aventura de se lançar a um conhecimento ainda em formação garante a constante posição de instigamento presente na dissertação. A história oficial da legislação nacional para a área das telecomunicações é considerada com a descrença de quem procura saber "o outro lado" dos fatos, talvez sem o *glamour* e a coerência desejada, mas, com certeza, com mais humanidade e veracidade. Com a consciência de que os fatos sociais nem sempre são resultantes de grandes atos ou decisões, mas são construídos no cotidiano das relações sociais, nem sempre muito nobres, nem sempre heróicas, nem sempre injustas ou mal-intencionadas.

Ao invés de percorrer o caminho da tramitação burocrática do Código, Beth Brandão decidiu se debruçar sob uma série de depoimentos dos atores que vivenciaram e influenciaram as decisões de votação da Lei. Estes testemunhos orais formaram o corpo empírico de sua pesquisa, juntamente com documentos da época. Beth Brandão justifica esta escolha metodológica:

"Foram estas pequenas estórias, estes atos cotidianos lembrados, estes rastros que foram deixados pelo caminho, esta poeira na História que me interessaram. Foi envolvida com os detalhes e me debruçando sobre a cotidianidade, sobre o rotineiro e sobre tudo o que é pequeno e que estava esquecido nos documentos e na memória dos atores que construí esta análise. Mas tenho certeza que ela modifica, e muito, a visão da grande história e das grandes idéias." (Brandão, 1989: 178).

Nas conclusões de sua pesquisa, Beth Brandão refuta a tese de que o Código tenha sido resultante do pensamento de Segurança Nacional dos militares brasileiros. A tramitação e aprovação da legislação, em 1960, é antes, resultado de uma conjuntura de acontecimentos e interesses que tinham outros objetivos. A questão do nacionalismo e desenvolvimentismo jucelinista que envolvia toda a sociedade na época foram fundamentais para a decisão de finalmente levar a cabo a idéia de legislar sobre o setor. A proposta inicial de regulamentação do setor data da década de 40.

Quando tratado nas discussões que encaminharam as votações, as referências à Segurança Nacional contidas no Código tinham uma conotação de "soberania nacional" e não aquela ligada à Doutrina de Segurança Nacional e aos postulados impostos pela Escola Superior de Guerra, disseminados pós-64, conclui Beth Brandão.

"É fácil de perceber, pelos vários depoimentos e discussões na Câmara, que quando se falava sobre Segurança Nacional estava-se falando da soberania da Nação, sobretudo, contra a intromissão estrangeira nos negócios internos. No caso das telecomunicações, falava-se de Segurança Nacional, como forma de se contrapor à entrada e permanência das multinacionais no setor e como sustentáculo de uma posição nacionalista que propugnava a implantação do Sistema Nacional de Telecomunicações sob domínio brasileiro" (Brandão, 1989: 176).

A posição de refutar argumentos consolidados, questionar constantemente a realidade e os fatos apresentados demonstram a influência e a sintonia de pensamento existente entre Beth Brandão e seu orientador, Rabah Benakouche. A relação iniciada no mestrado foi o começo de uma profunda amizade e de interlocução intelectual que perdura apesar da distância.

A defesa da dissertação de mestrado marca o final de uma de suas etapas mais ricas de aprendizado e discussões acadêmicas. A imersão completa no mundo intelectual preencheu estes anos de estudo mas trouxe, também, a grande vontade de voltar a atuar profissionalmente no mercado de trabalho. A interação constante entre o ambiente acadêmico e o profissional é uma das características principais da biografia de Beth Brandão e pode ser percebida ao longo de toda sua trajetória. Momentos de reflexão intelectual são intercalados com momentos de aplicação prática em seu cotidiano como profissional da área de comunicação.

Conhecimento acadêmico e conhecimento prático: o início da sintonia

O local escolhido para este retorno à vida profissional é Brasília, a cidade de sua infância e adolescência, agora vista como um novo desafio. Esta passagem apresentou dois caminhos que se tornaram decisivos no futuro de Beth Brandão: o ingresso na atividade docente e no mercado profissional de comunicação organizacional.

Embora a carreira docente fosse quase uma decorrência da conclusão do curso de mestrado, a especificidade de seu desempenho como professora se deve às características intrínsecas da faculdade em que ela foi atuar, o Centro de Ensino Unificado de Brasília. Em 1988, o CEUB era a escola privada de nível superior mais importante do Distrito Federal e seu Curso de Comunicação Social, com as habilitações de Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda, já reconhecido no mercado local.

Após sua grande experiência no ambiente universitário público, a prática docente se concretiza em um universo bastante distinto, com um modo de operação próprio e regras específicas de relacionamento. O desvendamento do campo da educação se dá por meio da convivência com estes dois ambientes distintos e próximos: a experiência de aluna de universidade pública e a experiência de professora de faculdade privada.

De acordo com Beth Brandão, uma das principais diferenciações entre estes dois universos é a questão da ciência: “Na universidade pública, o professor é um cientista que pratica a educação, ela é uma das formas de aplicação do seu pensamento científico; na faculdade particular, o professor é um educador que ensina a ciência, ela é o seu objeto de ensino e não seu objeto de trabalho. O professor, na maioria das instituições privadas de ensino superior, não é um cientista que pratica a educação e sim um educador que ensina a ciência”.

A vinda para Brasília, ainda, apresentou uma nova oportunidade de atuação no mercado de trabalho a partir de sua contratação na RP Labor Consultoria. Pela primeira vez Beth Brandão encarava o “mercado” de uma maneira prática e não ideológica. Não era mais o conceito de mercado e sim a realidade. As atividades de comunicação organizacional e relações públicas foram tomando espaço no seu dia-a-dia profissional. A RP Labor é a maior consultoria de relações públicas do Centro-Oeste e seu proprietário, Newton Garcia, um profissional muito pragmático; com ele Beth Brandão foi introduzida na “Era do Cliente”. O respeito às necessidades do cliente, a importância de ouvir suas opiniões e perceber suas demandas são alguns dos atributos ligados ao sucesso da RP Labor que foram apreendidos e exercitados neste período.

De maneira diferente da fase da Acaresc, a comunicação como campo de atuação profissional não estava mais ligada a prática ideológica de uma concepção missionária da comunicação. Na fase da RP Labor, a comunicação das empresas é compreendida e planejada estrategicamente de forma a facilitar os fluxos de comunicação interna e externa das organizações e seus públicos. À estruturação de canais de comunicação nas organizações tem-se como consequência o melhor relacionamento e interação de seus atores sociais.

Responsável pelos grandes projetos de comunicação da RP Labor, que envolviam planejamento e pesquisa de opinião, Beth Brandão afirma que este foi o momento do abandono da “arrogância” acadêmica, típica de quem está afastado das lidas diárias do mercado profissional e dedicado principalmente à reflexão teórica do campo da comunicação, como era seu caso até então. “Esta arrogância não é compatível com o mercado que tem a capacidade de se estruturar e ter sucesso, mesmo sem o conhecimento formal da teoria”, completa Beth Brandão.

Na metade dos anos 90, mais uma vez em busca da interação entre conhecimento e aplicação prática, Beth Brandão ingressa no Curso de Doutorado em Ciências da Informação do Departamento de Ciência da Informação e Documentação da Universidade de Brasília. Sua tese de doutoramento, “*Da Ciência ao Mercado, a informação em tempo real*”, orientada

pelo professor Jaime Robredo, mantém-se na mesma linha de pesquisa do mestrado ao se voltar para as análises e estudos a respeito da tecnologia da comunicação, mas traz uma perspectiva inovadora: o posicionamento da ciência e do mercado de trabalho frente às novas transformações tecnológicas da área da comunicação.

Menos revelador e abrangente do que o mestrado, o Curso de Doutorado na UnB, no entanto, foi importante, por um lado, para o aprofundamento das análises a respeito da influência e o papel das tecnologias da comunicação nas sociedades contemporâneas e, por outro, para a consolidação de conceitos como ciência, ciência da comunicação, mercado de trabalho, a contraposição entre o cientista e o profissional, entre outros. Estes questionamentos já podiam ser encontrados, de forma ainda inicial, na pesquisa realizada para o mestrado e foram exaustivamente analisados durante o doutorado.

Beth Brandão inicia suas análises apontando que a Ciência da Comunicação, desde sua origem, esteve ligada aos campos político e econômico, explicando porque o mercado, as ideologias, as tecnologias e o poder, foram e continuam sendo os principais elementos determinantes para seu desenvolvimento.

A perspectiva política e econômica advém do prestígio e poder desfrutados pela Comunicação na sociedade resultantes do avanço da tecnologia e da expansão do mercado. A *communication research* reflete esta postura por meio de seus objetos de estudo: “a forma de transmissão de informação, complexa e conflitante, os efeitos dos veículos, os discursos que produz e as políticas engendradas como forma de gestão dessa complexa rede na sociedade dizem respeito à natureza política da comunicação” (Brandão, 1999: 65).

Em suas conclusões a respeito da legitimação da Ciência da Comunicação, Beth Brandão afirma que não está na lógica da ciência seu princípio legitimador e sim em sua posição na sociedade e o poder que nela exerce: “Explica-se assim que as discussões a respeito de objetos de estudo, metodologias e nomenclaturas tenham acontecido na primeira hora (como mostra os textos de Melo, Cazeneuve e Padioleau) mas não tenham se tornado temas recorrentes. Em contrapartida, os estudos sobre veículos, modelos de comunicação e sobre os efeitos da comunicação foram numerosos, ressaltando as dimensões políticas e econômicas dessa ciência” (Brandão, 1999: 68).

Considerando que a história da comunicação latino-americana tenha sido muito mais influenciada por aspectos políticos, econômicos e sociais do que aspectos propriamente científicos, a lógica que presidiu as análises do campo da comunicação tem um cunho acentuadamente ideológico, complementa em sua tese:

“No Brasil, a Ciência da Comunicação se desenvolve nas universidades em um período marcado pela polarização ideológica e por um engajamento político evidente do pensamento acadêmico com a esquerda. Em parte, isso explica por que, apesar da nova ciência ter surgido comprometida com os temas e práticas do cotidiano, os estudos empíricos que privilegiam o desenvolvimento de técnicas e estratégias de comunicação, ou seja, os estudos que trabalham o “como fazer”, não tenham sido muito desenvolvidos no âmbito acadêmico, enquanto cresceram os estudos que analisam o papel da comunicação na sociedade. Se por um lado isto é da natureza da comunicação, por outro a ausência dos estudos acadêmicos de cunho empírico acabou por deixar que os conhecimentos nesta área fossem dominados por empresas privadas, como as agências de propaganda, os

institutos de pesquisa de opinião e os próprios veículos que acumularam dados e saberes sobre como fazer comunicação para o mercado” (Brandão, 1999: 68).

Em paralelo à discussão empreendida sobre a ciência da comunicação, Beth Brandão abre um questionamento sobre a prática do jornalismo *on line*, cada vez mais disseminado e influente na sociedade contemporânea. A este respeito afirma que:

“Se a tradição iluminista da imprensa defendia o interesse público, no jornalismo on line e em tempo real o compromisso é com o interesse dos segmentos de público que compõem a base de clientes. Uma se afirmou e se legitimou na sociedade pela defesa dos direitos da cidadania e a partir da lógica do cidadão; o outro afirma e se legitima na sociedade pela defesa dos interesses dos clientes e, portanto, dos interesses comerciais”.
A clássica dicotomia do campo da comunicação, que opunha apocalípticos e integrados, não se coloca mais no novo campo porque ele já surge, declaradamente, integrado à economia globalizada, sem pretender ser outra coisa e porque, nele, a lógica do cidadão e a do consumidor não se contrapõem, mas se integram em uma nova racionalidade” (Brandão, 1999:180).

A reflexão decorrente do doutorado aprofunda sua visão crítica da realidade e da inserção da comunicação na sociedade, agora numa interação constante com o mercado. “A utopia da Comunicação trata agora de se transferir para outros campos mais promissores como as organizações sociais, os trabalhos de mobilização popular, de um viver alternativo, os agrupamentos culturais, os movimentos de minorias, os étnicos... enfim, os vários espaços de resistência política, social e cultural e de enfrentamento da economia globalizada que crescem a cada dia. Afinal, o homem não vive sem utopias. Nem o mercado.” (Brandão, 1999:181).

A consolidação entre o mercado e a academia: o Conrerp e o Projeto IESB

A percepção da relação próxima existente entre o mercado de trabalho e o conhecimento acadêmico apreendido ao longo dos anos de experiência em ambos os campos de atuação, consolidaram-se, no final da década de 90, a partir da realização de dois projetos: o Conrerp – Conselho Regional dos Profissionais de Relações Públicas e a criação do Curso de Comunicação Institucional e Relações Públicas do IESB – Instituto de Ensino Superior de Brasília.

Em 1998 Beth Brandão assume a presidência do Conselho Regional de Profissionais de Relações Públicas da 6ª Região, que engloba os estados de Goiás, Tocantins, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e o Distrito Federal. É uma volta à militância profissional da qual tinha se afastado desde a época do MOS, em Santa Catarina.

Sua gestão foi bastante polêmica devido às colocações de contestação às posições muito arraigadas de corporativismo da classe. Enquanto a posição esperada para a Presidente de um Conselho Profissional era a de manutenção do atual *satus quo*, Beth Brandão, ao contrário, polemiza com a categoria e expõe suas mais íntimas mazelas. Considerado uma instituição que tem decrescido em importância na sociedade, Beth Brandão se propõe a

repensar o papel dos Conselhos e entidades de classe devido a pouca participação dos profissionais pretensamente interessados em sua manutenção:

“O que poderia estar diminuindo a importância das entidades de categoria? As razões são muitas, mas aponta-se aqui apenas duas delas.

A primeira prende-se às condições de mercado. Na verdade, o Estado e o mercado não mais necessitam de profissionais cuja competência seja determinada pela área de graduação, mas sim de profissionais criativos, com grande carga de conhecimentos gerais, comprometidos com idéias e com a produtividade da empresa, e com grande capacidade de gerenciamento. Basta atentar para os nomes dos cargos públicos que estão surgindo em concursos: são gestores de políticas, analistas de orçamento, auditores, planejadores – dificilmente se abre concurso para as profissões tradicionais. Situação semelhante ocorre no mercado privado, e para isto é suficiente observar os classificados de empregos dos jornais. Técnicos e especialistas executam tarefas que passaram de um nível profissional para algo mais analítico. Logo, se o que o mercado procura é um profissional com conhecimentos de comunicação e não um profissional “com habilitação em...”, as corporações profissionais que defendem a exclusividade, seja de jornalistas, seja de Relações Públicas, estão, por definição e pela natureza de sua existência, fora do mercado, fora da realidade competitiva do profissional de comunicação. A segunda está ancorada em uma razão política. A maior parte dos Sindicatos e alguns Conselhos Profissionais representaram uma forma de luta, um posicionamento político em um determinado momento do país, quando se buscava a construção da democracia brasileira. Eles foram uma frente de luta pelas liberdades democráticas, em alguns momentos, de luta pela consciência política, em outros, ou de defesa daqueles que se dedicavam a essas lutas e precisavam de apoio. (Brandão, 2000:14).

À esta falta de sintonia com o tempo social vivido acrescenta-se a distorção dos objetivos dos Conselhos e Sindicatos provocada pelos próprios associados que não o compreendem enquanto entidade de defesa e valorização da profissão e sim como órgãos de defesa de seus interesses profissionais específicos. De acordo com sua experiência como Presidente do Conrerp, Beth Brandão afirma que “as entidades são procuradas sobretudo como escora de disputas profissionais, pessoais ou amparo do profissional desinteressado, que busca nas falhas da legislação em uso, a muleta para seus vícios, a justificativa legal para a defesa de interesses pessoais” (Brandão, 2000:15).

Ao complementar este raciocínio, Beth Brandão lembra que:

“Desde que entrei para o Conrerp defendia a criação de um Conselho de Comunicação. Muitos jornalistas pensam da mesma forma mas ninguém consegue ir adiante porque a categoria, em sua maioria, se sente ameaçada na sua reserva de mercado. Esta é uma posição antiquada, porque ninguém contrata um diploma,

contrata a competência. E também porque ética profissional não se recebe como se recebe um diploma.”

Para Beth Brandão, o grande desafio dos profissionais de comunicação brasileiros na atualidade é compreender as demandas e necessidades do mercado de trabalho sem, contudo, esquecer o papel político e social que desempenham na construção da sociedade. Esta poderia ser uma das contribuições que uma nova estrutura de representação profissional poderia colaborar, mas que infelizmente não consegue ser implantada em nosso país.

Na busca de concretizar uma perspectiva mais coerente com a realidade, que considere ao mesmo tempo os saberes da ciência e as práticas do mercado de trabalho, Beth Brandão, em conjunto com o professor João José Curvello, desenvolve o projeto acadêmico do curso de Comunicação Institucional e Relações Públicas do IESB, uma nova instituição de ensino superior privado de Brasília.

Este Curso se traduz em uma nova habilitação na área de Comunicação Social, com base na Lei de Diretrizes e Bases da Educação e nas Novas Diretrizes Curriculares para o ensino da Comunicação Social no país, elaborada pelo Ministério da Educação. O novo direcionamento decorre da compreensão das mudanças do mercado de trabalho que demanda profissionais com perfis mais complexos, capazes de saber traçar estratégias e operacionalizar soluções de comunicação para os diversos públicos das organizações, sejam elas privadas ou públicas.

Segundo Beth Brandão, “em função desta realidade é que se construiu um currículo voltado para as especificidades do mercado, sobretudo o regional, e que se propôs a superar a célebre dicotomia teoria x prática” (Brandão e Curvello, 1999:20).

A realidade profissional passou por muitas transformações nos últimos anos e a faculdade deve espelhar estas mudanças.

*“O campo de ação profissional da comunicação social é cada dia maior e, ao mesmo tempo, cada vez mais indeterminado no que concerne ao saber exato que se deva adquirir. Neste mercado mutável, o **Curso de Comunicação Institucional e Relações Públicas** busca formar um profissional consciente do significado da comunicação no espaço público e do seu papel de mediador entre a sociedade e os interesses de informação das instituições” (Brandão e Curvello, 1999: 22).*

A partir desta visão, a grade curricular concebe a existência de quatro núcleos de saberes, integrando teoria e prática em torno de projetos semestrais. Esta é uma das inovações mais significativas desta proposta, de acordo com Beth Brandão:

“Os dois primeiros núcleos cognitivos agregam as disciplinas que apresentam os saberes das diversas ciências que dizem respeito diretamente às Ciências da Comunicação ou com elas fazem fronteira. O primeiro é o Núcleo Teórico, que reúne as 9 disciplinas de embasamento conceitual indispensáveis para a compreensão crítica das várias áreas das Ciências da Comunicação e de outras ciências que lhe agregam conhecimentos. É um núcleo que prepara a formação de

um profissional capaz de estar constantemente buscando novos conhecimentos no decorrer de sua vida profissional. O Núcleo de Humanidades reúne 5 disciplinas de conteúdo cultural que formam a estrutura de conhecimento universal indispensável para a formação humanística do aluno e que o capacita a apreender os significados simbólicos de um mundo midiático. Os outros dois núcleos, o Profissional e o Instrumental formam o Sistema Integrado de Comunicação que abrange a infra-estrutura tecnológica e os conhecimentos técnicos indispensáveis ao exercício profissional. São disciplinas desenvolvidas em torno de laboratórios, oficinas e projetos e que tratam de linguagens, técnicas, sistemas produtivos, gestão, métodos, preceitos legais e instrumentos. (Brandão e Curvello, 1999: 35).

Reunindo sua marcada visão crítica da sociedade e seu temperamento inquieto e questionador, Beth Brandão se coloca, no cenário regional e nacional, como uma das intelectuais mais criativas da área da comunicação institucional e relações públicas, capaz de expor suas idéias sem o preconceito do pré-concebido e do pré-estabelecido. Suas obras e seu trabalho profissional demonstram a capacidade da crítica construtiva, aquela que ao mesmo tempo questiona e apresenta novas alternativas para o campo da comunicação no Brasil.

Referências Bibliográficas

- BORDENAVE, Juan Dias e CARVALHO, Horacio. *Comunicação e Planejamento*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- BORDENAVE, Juan Dias. *O que é Comunicação Rural*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. O Campo Científico. In : ORTIZ, Renato (org.). *Pierre Bourdieu - Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.
- BRANDÃO, Elizabeth Pazito. *Processo Decisório de Inovação em uma Área Estratégica: o Código Brasileiro de Telecomunicações*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, 1989.
- BRANDÃO, Elizabeth Pazito e CURVELLO, João José. . *Comunicação Institucional: Um Novo Curso para uma Nova Realidade Profissional*. XXI INTERCOM - Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – GT Ensino da Comunicação, 1999.
- BRANDÃO, Elizabeth Pazito. *Da Ciência ao Mercado, a Informação em Tempo Real*. Tese de doutorado. Universidade de Brasília, 1999.
- BRANDÃO, Elizabeth Pazito. O Desafio das Relações Públicas no Brasil. *Anais do VII Congresso Iberoamericano de Comunicación y Relaciones Públicas*. Alicante, Espanha, 2000.
- FREIRE, Paulo. *Comunicação ou Extensão?* 7.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

Trabalhos apresentados em congressos

- BRANDÃO, Elizabeth Pazito. A produção da informação estratégica. *Anais do I Colóquio Franco-Brasileiro*. Poitiers, França, 2001.
- BRANDÃO, Elizabeth Pazito. El desafío de las Relaciones Publicas en Brasil. *Anais do VII Congresso Iberoamericano de Comunicación y Relaciones Públicas*. Alicante, Espanha, 2000.
- BRANDÃO, Elizabeth Pazito e CURVELLO, João José. *Comunicação Institucional: Um Novo Curso Para Uma Nova Realidade Profissional*. com João José Curvello (co-autoria). XXI INTERCOM - Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – GT Ensino da Comunicação. 1999.
- BRANDÃO, Elizabeth Pazito. *Comunicação Pública*. XX INTERCOM – Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - GT Relações Públicas. 1998.

Artigos de Jornal

BRANDÃO, Elizabeth Pazito. A Democracia de Alguns. *Correio Braziliense*, 20/06/99.

BRANDÃO, Elizabeth Pazito. Nova Ordem Profissional. *Gazeta Mercantil*, 30/07/98.

BRANDÃO, Elizabeth Pazito. Informação que seduz. *Gazeta Mercantil*, 12/06/98.

BRANDÃO, Elizabeth Pazito. Tapete Vermelho para a Opinião Pública. *Gazeta Mercantil*, 25/03/98.

BRANDÃO, Elizabeth Pazito. Quanto custa a cidadania? *Gazeta Mercantil*, 23/12/97.

BRANDÃO, Elizabeth Pazito. Política de Comunicação Social. *Cadernos FIEP*. 1995